

Porque deram resultados diferentes os testes a Marcelo?

O teste rápido de antígeno feito na manhã de segunda-feira deu negativo. O teste baseado em PCR, com resultados conhecidos ao princípio dessa noite, deu positivo. Um novo teste molecular à covid-19 realizado já na terça-feira pelo Presidente da República, feito pelo Instituto Nacional Dr. Ricardo Jorge, deu negativo. E o teste confirmativo realizado pelo INEM voltou a dar negativo. Veja as características dos diferentes tipos de testes que há no mercado e o que poderá ter acontecido para darem resultados diferentes.

ANTÓNIO LARGUESA
 alarguesa@negocios.pt

Que testes detetam a presença do vírus no organismo?

Há dois testes disponíveis para detetar uma infeção ativa. O teste de biologia molecular (PCR) procura o material genético e é o método de referência para confirmar a presença do vírus. Já o teste rápido de antígeno, que deteta proteínas do vírus, é uma alternativa que pode ser usada em pessoas sem sintomas e que tiveram um contacto de alto risco, sendo útil, por exemplo, para detetar surtos em lares ou escolas, de forma a separar logo os doentes com maior carga viral.

Então e os testes serológicos?

Os testes serológicos, que avaliam a presença de anticorpos (IgM, IgG e/ou IgA) produzidos em resposta à infeção pelo SARS-CoV-2, não devem ser utilizados para o diagnóstico da covid-19. Têm sido realizados por diversas instituições para avaliar o grau de imunidade de determinada população.

Que tipo de amostras são necessárias?

Enquanto estes testes serológicos analisam componentes do sangue (soro, sangue total ou plasma), tanto os testes moleculares como os de antígeno, que são muito mais baratos, recorrem a amostras da região do nariz (nasofaringe) ou da parte posterior da garganta (orofaringe), ou ambas, usando uma espécie de cotonete (zaragatoa).

Como são feitos e quanto demoram os resultados?

Os PCR são testes automatizados e processados sempre em equipamentos laboratoriais de análise, com os resultados a serem conhecidos num prazo máximo de 24 horas. Já os testes de antígeno e os serológicos produzem resultados mais imediatos – 15 a 30 minutos



O Presidente da República fez quatro testes em menos de um dia.

após serem realizados –, pois são feitos em dispositivos para diagnóstico “in vitro”, com menor complexidade técnica.

Quais são os mais fiáveis?

Os testes moleculares continuam a ser considerados de referência pela Direção-Geral da Saúde devido à maior fiabilidade, realçando que os de antígeno, por terem sensibilidade menor – sobretudo quando a carga viral é mais baixa –, “não podem constituir um critério único na avaliação do estado do doente”. Lembrando que “não existem testes 100% fiáveis”, o imunologista Luís Graça assinala ao Negócios que “os testes rápidos de antígeno são também bastante fiáveis”. “Quando são positivos, é bastante certo que são positivos. O problema é que pre-

cisam de mais vírus nas vias respiratórias para serem positivos”, acrescenta.

Isso pode explicar o negativo no teste de antígeno e o positivo no primeiro teste PCR?

Sim, a explicação mais simples, segundo Miguel Castanho, investigador do IMM – Instituto de Medicina Molecular, é que, “no tempo entre um teste e outro, o vírus multiplicou-se e, nesse intervalo de tempo, passou de um nível abaixo do que é detetável para um nível acima do detetável”. Luís Graça atesta igualmente que “na fase inicial da doença, um teste baseado em PCR é mais fidedigno porque dá positivo antes de um de antígeno, que não [deteta] uma quanti-

dade tão baixa de vírus”.

Ok. Mas mesmo os testes PCR realizados pelo Presidente deram resultados diferentes. Como é possível?

Luís Graça, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e igualmente investigador do IMM, começa por frisar que nos testes por PCR é “muito pouco frequente” dar um resultado que seja um falso positivo. O mais habitual, ainda assim – e que pode ter acontecido neste caso –, é que a quantidade de material viral identificada em Marcelo seja “tão baixa, que está ainda perto do limiar de deteção”, o que faz com que um esteja ligeiramente acima e outro ligeiramente abaixo desse valor de fronteira. Miguel Castanho corrobora que a explicação “mais simples e óbvia” é que a carga viral seja muito pequena e “consoante estão mais ou menos afinados, uns testes dão positivo e outros negativos porque estão ali no limiar de deteção, na zona de transição”.

Além da amostra biológica e da carga viral, a qualidade da recolha não pode condicionar também o resultado laboratorial?

Sim. É que, enquanto uma amostra de sangue é homogênea, neste caso isso não acontece porque, desde logo, o material recolhido depende de por onde passa a zaragatoa. Além disso, Miguel Castanho adverte que, nestes casos em que a carga viral está na fronteira de deteção e em que, por isso, a indeterminação aumenta, o resultado diferente pode advir até das “próprias condições instrumentais dos aparelhos em que se fazem as medições, já para não falar em aparelhos que às vezes são e têm sensibilidades diferentes”. ■